

Quem/quais são os responsáveis pelo ‘fracasso’ do Brasil no PISA, de acordo com a mídia brasileira?

Gabriel dos Santos e Silva

Resumo

Desde o ano 2000, o Brasil não tem apresentado bons resultados nas provas do *Programme for International Student Assessment* (PISA). Tal desempenho tem sido considerado pela mídia brasileira como um “fracasso”. Este artigo tem como objetivo investigar quem/quais são os responsáveis pelo desempenho dos estudantes brasileiros nas provas do PISA de acordo com a mídia brasileira. Para tanto, foram discutidas as perspectivas de avaliação de autores que versam sobre o tema, levantando como discussão a relação entre avaliação e qualidade da educação, do ponto de vista da “pedagogia do exame”. Em seguida, foi feito um levantamento de notícias de oito jornais brasileiros que mencionam o PISA em seu conteúdo. Após um procedimento de agrupamento desses textos, seguindo as orientações da Análise de Conteúdo, obteve-se 18 grupos, que foram analisados e discutidos. Em geral, destaca-se que, embora o discurso midiático apresente possíveis responsáveis pelo desempenho do Brasil no PISA, também denuncia a falta de investimentos e políticas públicas voltadas à educação no país. Também apontam para uma concepção que entende que “educação de qualidade” é sinônimo de nota alta nas provas do PISA, tomando a educação de países que têm alto rendimento nessas aferições como modelo para o Brasil.

Palavras-chave:

Avaliação; PISA; Fracasso escolar.

Who/what are responsible for Brazil's 'failure' in PISA, according to the Brazilian media?

Abstract: Since 2000, Brazil has not presented good results in the tests of the Programme for International Student Assessment (PISA). Such performance has been considered by the Brazilian media as a "failure". This article aims to investigate who/which are responsible for the performance of Brazilian students in the PISA tests according to the Brazilian media. For that, the perspectives of assessment of authors that deal with the subject are discussed, raising as a discussion the relationship between assessment and quality of education, from the point of view of the "exam pedagogy". Then, an inventory was made of news from eight Brazilian newspapers that mention PISA in their content. After a procedure of grouping these texts, following the guidelines of Content Analysis, 18 groups were obtained, which were analyzed and discussed. In general, it is noteworthy that, although the media discourse presents possible responsible for Brazil's performance in PISA, they also denounce the lack of public investments and public policies aimed to education in the country. They also point to a conception that understands that "quality education" is synonymous to a high score in the PISA tests, taking the education of countries that have high performance in these measurements as a model for Brazil.

Keywords: Assessment; PISA; School failure.

Qui/quels sont les responsables de 'l'échec' du Brésil au PISA, selon les médias brésiliens?

Résumé : Depuis l'année 2000, le Brésil n'a pas présenté des bons résultats aux épreuves du Programme International Pour le Suivi des Acquis des Élèves (PISA). Cette performance a été considérée par les médias brésiliens comme un « échec ». Cet article a pour but d'étudier qui/quels sont les responsables de la performance des étudiants brésiliens dans les tests PISA selon les médias brésiliens. Pour le faire, les perspectives d'évaluation des auteurs qui traitent de ce thème sont discutées, en posant comme délibération la relation entre l'évaluation et la qualité de l'éducation, surtout du point de vue de la « pédagogie de l'examen ». Ensuite, une enquête sur les nouvelles de huit journaux brésiliens qui mentionnent PISA dans leur contenu a été réalisée. Après une procédure de regroupement de ces textes, d'après les directives de L'analyse de Contenu, on a obtenu 18 groupes, qui ont été analysés et discutés. En général, il convient de noter que, bien que le discours des médias présente les responsables possibles de la performance du Brésil dans PISA, ils dénoncent également la défaillance d'investissements publics et de politiques publiques visant l'éducation dans ce pays. Ils mettent également en avant une conception qui comprend que « l'éducation de qualité » est synonyme de scores élevés aux tests PISA, et prennent l'éducation des pays qui ont des performances élevées dans ces mesures comme modèle pour le Brésil.

Mots clés : Évaluation ; PISA ; Échec scolaire.

¿Quiénes/cuáles son los responsables por la 'falta de éxito' de Brasil en PISA, según la prensa brasileña?

Resumen: Desde el año 2000, Brasil no ha presentado buenos resultados en los exámenes del Programa para la Evaluación Internacional de Estudiantes (PISA). Tal desempeño ha sido visto por la prensa brasileña como una "falta de éxito". Este artículo tiene como objetivo investigar quiénes/cuáles son los responsables por el desempeño de los estudiantes brasileños en los exámenes de PISA de acuerdo con la prensa brasileña. Para eso, son analizadas las perspectivas de evaluación de autores que estudian sobre el tema, resultando como discusión la relación entre evaluación y calidad de la educación, según la "pedagogía del examen". Luego, fue realizado un análisis de noticias de ocho periódicos que nombran a PISA en su contenido. Posterior a un procedimiento de agrupaciones de esos textos, siguiendo las orientaciones del Análisis de Contenido, se obtuvo 18 grupos, que fueron investigados y discutidos. En general, se destaca que, aunque el discurso de la prensa presenta posibles responsables por el desempeño de Brasil en PISA, también delataron la falta de inversiones y políticas públicas designadas a la educación en el país. También señalan para una concepción que entiende que "educación de calidad" es sinónimo de altas puntuaciones en los exámenes de PISA, volviendo la educación de países que tienen alto rendimiento en esas calificaciones como modelo para Brasil.

Palabras-claves: Evaluación; PISA; Fracaso escolar.

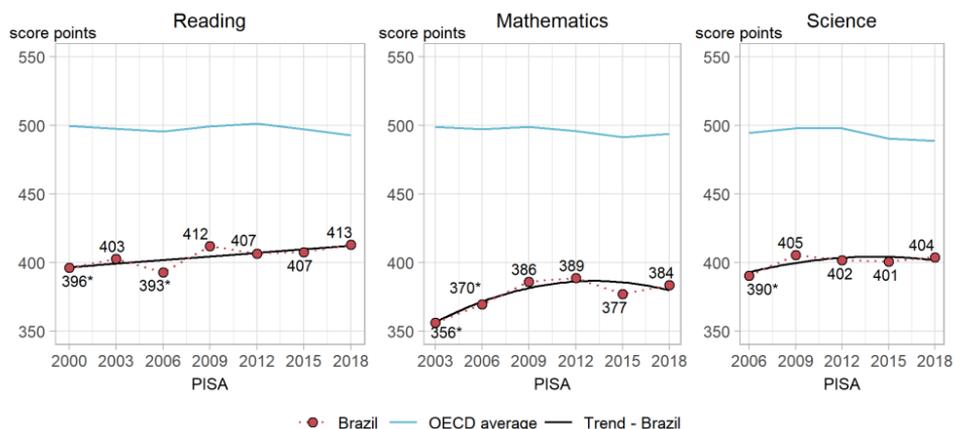
Introdução

“Evitemos, em primeiro lugar, qualquer mal-entendido: a despeito do que julgam ainda certos pais ansiosos e alguns tecnocratas atrasados, a obsessão do termômetro nunca fez baixar a temperatura”
(Philippe Meirieu)

É recorrente, no Brasil, os veículos de comunicação noticiarem os resultados das avaliações externas com títulos que apontam um ‘fracasso’¹ dos estudantes brasileiros nessas provas, sugerindo que seu desempenho fornece um retrato catastrófico da educação brasileira.

Do ponto de vista dos resultados do *Programme for International Student Assessment (PISA)*², o Brasil vem apresentando baixos resultados em leitura, matemática e ciências desde o início de sua participação, em 2000. Os gráficos apresentados na Figura 1 indicam as notas do Brasil nas provas de leitura, matemática e ciências, em cada um dos anos, representadas pelos indicadores vermelhos, a tendência brasileira em linha contínua preta e a média dos países da OCDE em linha contínua azul.

Figura 1 Desempenho dos estudantes brasileiros em leitura, matemática e ciências no PISA³



O discurso midiático brasileiro, em sua grande maioria, traz comparações entre o desempenho do Brasil e de outros países (sobretudo da América Latina) e aponta o insucesso do país frente às grandes potências mundiais. Além desse tipo de discurso, outros, galgados quase sempre no senso comum, acabam por criar um cenário de uma escola (pública) que não funciona e que, apesar dos investimentos, tem dado um retorno abaixo do esperado ao país.

Tais discursos se baseiam em uma concepção que atribui à avaliação a função de ‘medir’ a ‘qualidade da educação’, sem se ater, por exemplo, a quais dimensões essas avaliações têm se proposto a analisar, sob quais parâmetros e, sobretudo, de qual qualidade se está falando. Além disso, o discurso midiático, que, de certa forma, se distancia do discurso acadêmico, tem um papel fundamental na construção da opinião popular referente às temáticas educacionais e, particularmente, dos resultados da avaliação.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo investigar quem/quais são os responsáveis pelo desempenho dos estudantes brasileiros nas provas do *PISA* de acordo com a mídia brasileira. A intenção não é caracterizar as opiniões de um ou outro veículo de comunicação, mas buscar, no âmbito dos artigos jornalísticos, os sujeitos ou aspectos que têm sido apontados (pelos entrevistados, pelos jornalistas, pelos leitores) como responsáveis pelo ‘fracasso’ do Brasil no *PISA*.

Sobre avaliação e ‘fracasso’ escolar

De acordo com Barlow (2006, p. 12), avaliar é “emitir um julgamento preciso ou não sobre uma realidade quantificável ou não depois de se ter efetuado ou não uma medição”. De acordo com esse autor, as ações avaliativas não precisam ter, necessariamente, uma precisão. A ação de um perito que quer determinar uma medida, por exemplo, pode ser precisa em relação às casas decimais, mas a ação de um animador que quer avaliar a ansiedade de seu público é imprecisa, além de subjetiva. Em relação ao cenário educacional, Barlow (2006) entende que a avaliação pode ter diferentes funções, como classificar, dar nota, prever uma sequência formativa, identificar dificuldades dos estudantes, testá-los.

Por sua vez, Hadji (1994) considera que três verbos se destacam ao falar da avaliação no âmbito educacional: verificar, situar e julgar. Tais verbos podem estar associados aos objetos dos quais tratam (conhecimentos, saberes, saber-fazer, competências, entre outros).

Avaliar, segundo este ponto de vista, significa tentar estabelecer elos, pontes, entre diferentes níveis de realidade, sempre a marcar e a sublinhar por esta mesma operação a distância que os separa: a realidade daquele que constrói e formula o juízo de valor, e a daquilo em que incide esse

juízo, ainda que se trate da mesma pessoa, num acto de auto-avaliação.
(Hadji, 1994, p. 29)

Esteban (1999, p. 67) afirma que “avaliação é uma atividade simultaneamente escolar e social tecida na tensão inclusão/exclusão”. E, a respeito de sua relação com a sociedade, a autora considera que a avaliação tem uma atenção especial por ser potencialmente utilizada para certificações, classificações e seleções.

Independente do âmbito no qual a avaliação é praticada (por professores, por órgãos externos, pelos próprios estudantes), seu resultado afeta diretamente as práticas escolares, as ações dos professores, dos estudantes e outras decisões e ações da sociedade. São as interpretações dos resultados das avaliações responsáveis por demarcar o êxito ou o ‘fracasso’ dos sujeitos e das instituições envolvidas no processo. Atribui-se êxito àquele sujeito ou àquela instituição que atinge ou supera uma marca determinada e considerada como ideal e ‘fracasso’ aos que não atingem ou superam tais marcas.

Díaz Barriga (1999) considera que essa prática, a qual ele denomina “pedagogia do exame”, acaba uniformizando e objetivando os estudantes, desconsiderando sua vida, o projeto social no qual estão envolvidos. Nessa perspectiva da pedagogia do exame, o professor perde sua dimensão intelectual e torna-se um “operário de programas preestabelecidos que desconhecem seu saber” (Díaz Barriga, 1999, p. 61) e os estudantes deixam de ser formados do ponto de vista de ampliar seu repertório sociocultural e passam a ser reprodutores de condutas impostas.

Além disso, o ‘fracasso’ demarca o que é conhecido como ‘qualidade da educação’. Díaz Barriga (1999) considera que a sociedade em geral atribui à avaliação uma relação simétrica com o sistema de ensino. Para ele, a premissa de que um melhor sistema de avaliação implica em um melhor sistema de ensino é falso, por um conjunto de razões. Em primeiro lugar, o autor aponta que a avaliação não pode ser justa quando a estrutura social não é justa.

Fernandes (2019) considera que, embora já se tenha uma visão de que os efeitos das avaliações externas aprofundem as desigualdades, ainda há uma visão social de que elas estão relacionadas diretamente à qualidade do ensino, se tornando, portanto, politicamente poderosas. Para o autor, “aceita-se como conhecimento adquirido que as avaliações externas são sinônimo de rigor, de exigência e de qualidade sem equacionar a possibilidade da sua utilização poder ter uma diversidade de efeitos nefastos” (Fernandes, 2019, p. 645). Um desses efeitos pode ser desconsiderar as singularidades dos sujeitos, das escolas, das regiões e dos países e isso se vincula cada vez mais a uma lógica de distanciamento do sujeito e do objeto de conhecimento.

Esteban (2009, p. 130) afirma que os estudantes, quase ausentes do processo de avaliação, acabam se tornando “um elemento marginal ao debate que permite uma

enunciação do discurso sobre a escola; em especial sobre uma escola que, na perspectiva hegemônica, perde a qualidade ao receber sujeitos, conhecimentos e conflitos oriundos de cotidianos marginais”.

Por fim, Afonso (2007, p. 18) considera que

o discurso da qualidade foi (e continua a ser frequentemente) um discurso redutor quando se baseia apenas numa racionalidade instrumental que tende a sobrevalorizar indicadores e resultados quantificáveis sem levar em conta as políticas educacionais, os sujeitos e os respectivos processos e contextos educativos. Neste sentido, a chamada avaliação da qualidade da educação tem significado, sobretudo, uma estratégia para levar a cabo uma certa (re)meritocratização e elitização do sistema educativo, com o consequente aumento da seletividade social.

Método

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa de cunho interpretativo. Tendo em vista que a intenção é investigar como a mídia tem apresentado a responsabilização pelo ‘fracasso’ do Brasil no *PISA*, optou-se por trabalhar com fontes documentais advindas de jornais digitais. Gil (2008) considera que a pesquisa documental envolve materiais que ainda não passaram por um processo de análise, como, por exemplo, as notícias de jornal.

Para compor o corpus da pesquisa, utilizou-se um documento publicado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil que divulga os principais veículos da mídia brasileira⁴. Dentre os veículos apresentados, o documento apresenta nove jornais com seus respectivos hiperlinks, em uma seção intitulada ‘Principais jornais no Brasil’. Entende-se que os jornais citados podem ser utilizados como fontes para a pesquisa. Entretanto, um dos nove jornais, o Brasil Econômico, não está mais disponível e parou com as suas atividades, sendo, então, excluído da pesquisa.

Compõem o rol de jornais utilizados neste estudo: Correio Braziliense, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, Jornal do Comércio, O Globo, Valor Econômico e Zero Hora.

A fim de determinar um corte na pesquisa e limitar a quantidade de artigos de jornal a serem analisados, optou-se por trabalhar no intervalo de 01/01/2017 a 31/12/2021. Optou-se por trabalhar com artigos a partir de 2017, por considerar que os últimos 5 anos apresentam um recorte temporal recente, porém significativo para tratar do tema na atualidade.

No caso do Correio Braziliense, por exemplo, foi inserido na barra de pesquisa *Programa Internacional de Avaliação de Estudantes site:correio braziliense.com.br/*. Desse

modo, a plataforma de buscas do Google retornou os artigos em que a expressão completa ‘Programa Internacional de Avaliação de Estudantes’ era encontrada em sites daquele domínio. Para cada um dos outros jornais, repetiu-se o procedimento.

Após a busca, foram feitos os downloads das páginas em formato pdf. Nessa etapa, algumas notícias já não estavam mais disponíveis online ou os sites não abriam. Desse modo, a quantidade de artigos jornalísticos foi alterada. Apresentam-se na Tabela 1 a quantidade de artigos encontrados na busca por jornal e os disponíveis para download.

Tabela 1 Distribuição de artigos jornalísticos encontrados por jornal

| Jornal | Quantidade de artigos encontrados na busca | Quantidade de artigos disponíveis para download |
|---------------------|--|---|
| Correio Braziliense | 40 | 21 |
| Estado de São Paulo | 29 | 28 |
| Folha de São Paulo | 24 | 24 |
| Jornal do Brasil | 10 | 10 |
| Jornal do Comércio | 6 | 6 |
| O Globo | 36 | 36 |
| Valor Econômico | 13 | 12 |
| Zero Hora | 12 | 12 |

Sendo assim, o corpus da pesquisa foi composto por 149 artigos jornalísticos de oito jornais distintos. Cada artigo foi organizado por um código composto por 8 caracteres: os dois primeiros se referem ao jornal, sendo CB para Correio Braziliense, ES para Estado de São Paulo, FS para Folha de São Paulo, JB para Jornal do Brasil, JC para Jornal do Comércio, OG para O Globo, VE para Valor Econômico e ZH para Zero Hora; os seis últimos caracteres refere-se ao ano, mês e data de publicação do artigo, nessa ordem. Assim, por exemplo, ZH211014 referem-se ao artigo publicado pelo jornal Zero Hora no dia 14 de outubro de 2021. Nos casos em que houve a publicação de duas notícias contendo a expressão ‘Programa Internacional de Avaliação de Estudantes’ no mesmo dia, um dos arquivos recebe o sufixo [2] ao final do código.

Em seguida, os artigos jornalísticos foram lidos e as informações que diziam a respeito de alguma responsabilização pelo desempenho dos estudantes brasileiros na prova do *PISA* foram destacados no texto.

Observou-se que 80 dos 149 artigos continham algum indício de responsabilização. Nenhum dos artigos do Jornal do Comércio apresentou algum indício. As notícias jornalísticas que não apresentavam alguma responsabilização, em geral, apenas apresentavam os dados dos resultados da prova do *PISA*, sem algum

comentário relativo ao significado atribuído às notas e índices. Outros, tratavam de dados estatísticos a respeito de bullying, escolha profissional e outras informações coletadas e analisadas pela OCDE por meio dos participantes da prova do *PISA*.

Então, os textos foram agrupados de acordo com o seguinte procedimento: ao ler o primeiro dos 80 artigos, criar-se-ia um grupo; ao ler o segundo, ou o colocaria no grupo criado, caso tivesse uma responsabilização semelhante, ou criar-se-ia um novo; o mesmo seria feito para cada um dos textos.

Após o processo de agrupamento, por conseguinte, foram obtidos 18 grupos, denominados ‘a esquerda ou partidos de esquerda’, ‘avanços tecnológicos na sociedade’, ‘cultura avaliativa no Brasil’, ‘currículo’, ‘desigualdade’, ‘formação de professores’, ‘formato das provas do *PISA*’, ‘investimentos públicos e políticas públicas’, ‘material didático’, ‘o atual governo’, ‘o sistema de ensino’, ‘os próprios alunos’, ‘pandemia de Covid-19’, ‘Paulo Freire’, ‘qualidade da educação’, ‘questões socioculturais’, ‘TV Escola’ e ‘valorização do professor e suas condições de trabalho’.

Por fim, cada um dos grupos foi analisado para compor a seção seguinte deste artigo.

Responsáveis pelo ‘fracasso’ dos estudantes brasileiros no PISA de acordo com a mídia brasileira

É possível observar alguns aspectos comuns entre os grupos determinados. Dentre eles, destaca-se, inicialmente, a política e questões relativas à sua polarização existente no Brasil desde as eleições em 2014. O atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro que, à época de sua eleição (em 2018), era filiado ao Partido Social de Liberal (PSL) e se considera ‘liberal de direita’⁵, fez diversas declarações aos jornais, atribuindo aos governos anteriores de Luis Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), que se considera ‘de esquerda’, a responsabilidade pelo desempenho dos estudantes brasileiros nas provas do *PISA*.

Um dos ministros do Ministério da Educação durante o governo Bolsonaro foi Abraham Weintraub (abr/2019 – jun/2020), responsável por diversas declarações à mídia em relação ao *PISA*. O jornal Zero Hora noticiou em 03/12/2019 a fala do então ministro em relação aos resultados da prova do *PISA* de 2018:

Infelizmente o jovem de 14 anos, graças ao governo do PT, não vai conseguir ser recuperado em um ano (*a prova foi aplicada no primeiro ano do atual governo*). Isso é integralmente culpa do PT, da doutrinação “esquerdófila” sem compromisso com o ensino, que quer discutir sexualidade em vez de ensinar a ler e escrever [...] – afirmou Weintraub. (ZH191203)

Na fala do ministro, observa-se uma menção à escolha por ‘discutir sexualidade em vez de ensinar a ler e escrever’. Uma das características das eleições de 2018, no Brasil, foi a disseminação de *fake news* em relação aos governos petistas. Dentre elas, destaca-se a falsa notícia de que o Ministério da Educação distribuía kits que continham livros com imagens e mensagens de incentivo às crianças a ‘se tornarem’ homossexuais, além de itens como mamadeiras com formato fálico. Tais *fake news* causaram horror em parte da população que acreditou em sua veracidade e o discurso de que os governos do PT incentivavam a sexualização de crianças ainda é objeto de explanação por apoiadores e membros do governo Bolsonaro. A fala do ministro, noticiado pelo Zero Hora e por outros jornais, deixa explícito que isso também influenciou no desempenho dos estudantes brasileiros na prova do *PISA*.

Além de governos de esquerda, membros do governo Bolsonaro têm atribuído a responsabilidade à figura de Paulo Freire e à TV Escola⁶ por meio da mídia, aliando as figuras do patrono da educação no Brasil e do canal de televisão à esquerda. A Folha de São Paulo noticiou em 16/12/2019 uma das falas de Bolsonaro em relação a Paulo Freire e à TV Escola.

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) defendeu o cancelamento de contrato do Ministério da Educação com a TV Escola. Na visão dele, os programas transmitidos pelo canal eram todos de esquerda e seguindo os pensamentos do educador Paulo Freire, a quem se referiu como energúmeno. “Você conhece a programação da TV Escola? Deseduca. Por que a educação do Brasil está lá embaixo? Por causa dessas programações. Agora o pessoal está criticando. Esse tipo de cultura é para acabar mesmo. Queriam renovar o contrato... R\$ 350 milhões iam ser jogados no lixo” [...]. Bolsonaro associou a TV Escola a indicadores de educação do Brasil e citou resultado de 2018 do *PISA* [...]. (FS191216)

Bolsonaro também indicou que a responsabilidade pelo desempenho na prova do *PISA* é dos próprios estudantes, afirmando ao jornal Estado de São Paulo em 09/04/2019:

Queremos uma garotada que não esteja ocupando os últimos lugares no *PISA*. Queremos que não mais 70% dessa garotada não saiba fazer uma regra de três simples, não saiba interpretar textos, não saiba perguntas básicas de ciências. Nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política, como é atualmente dentro das escolas, mas comece realmente a aprender coisas que possam levar, quem sabe, ao espaço no futuro. (ES190409)

Outras manifestações contrárias ao trabalho de Paulo Freire foram noticiadas envolvendo, principalmente, falas de Bolsonaro (OG191216) e Weintraub (OG191203).

Por outro lado, algumas notícias apontam uma responsabilização dos resultados do Brasil no *PISA* ao governo atual. O jornal *Correio Braziliense* entrevistou em 26/12/2021 uma economista (Silvia Matos) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e noticiou: “de acordo com a analista, a má qualificação da mão de obra é um problema recorrente da baixa produtividade do país e o atual governo conseguiu fazer o Brasil cair no ranking do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes [...]” (CB211226).

Dentre as críticas ao governo atual, noticiadas pelos jornais investigados, estão o constante olhar para o passado, sem ações para uma mudança no cenário futuro da educação brasileira (JB200101), a falta de diálogo no Ministério da Educação (OG190603), a falta de propostas para a educação em detrimento de só responsabilizar os governos anteriores (OG191203) e a falta de ação do ministro da Educação para resolver os problemas já conhecidos (VE191203).

A respeito das afirmações referentes aos governos de esquerda e ao atual governo brasileiro, entende-se que a característica comum identificada é a responsabilização midiática que alerta para uma atual inação. A responsabilização aliada à inação, faz com que o discurso se prenda sempre ao que Philippe Meirieu chama de “obsessão do termômetro” (Hadji, 1994). Para o autor, a constante aferição da temperatura não faz com que a febre diminua. Da mesma forma, conhecer os resultados dos estudantes brasileiros no *PISA*, responsabilizando um ou outro sem uma ação efetiva em prol de mudanças no cenário educacional no país, não altera os resultados das avaliações e, muito menos, atribui alguma qualidade à educação brasileira.

Nesse sentido, o grupo denominado ‘investimentos públicos e políticas públicas’ contém os artigos jornalísticos que apontam a necessidade (ou ainda, a falta) de investimentos públicos e de políticas públicas educacionais, como responsável pelo desempenho dos estudantes brasileiros no *PISA*.

O jornal *Zero Hora* entrevistou Marcelo Viana, diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa) no dia 04/07/2017 que afirmou: “- O que está nos faltando é tomar alguma atitude diante dos dados dessas avaliações. Os pontos fracos já foram identificados, agora, precisamos valorizar a educação suficientemente como fizeram outros países, para torná-la uma prioridade” (ZH170704).

A afirmação de Viana parece ir ao encontro da fala de Meirieu, no que se refere à necessidade de que a educação passe a ter, no Brasil, políticas públicas e uma grande atenção no sentido de torná-la prioridade. De acordo com uma notícia do *Correio Braziliense* de 11/11/2019, o então governador do estado do Espírito Santo, Paulo Hartung “destacou [...] que a decisão de tornar a educação prioridade é política e vem

da consciência dos líderes da sociedade. ‘Há dinheiro para isso, mas é desperdiçado na máquina pública brasileira [...]’ (CB191111).

As demais notícias pertencentes a esse grupo, em geral, apontam para a mesma necessidade: de uma gestão política que invista e valorize a educação enquanto prioridade. Alguns desses artigos jornalísticos apontam a urgência dessa necessidade (VE200131), enquanto outros afirmam que esse investimento será a longo prazo e poderá ser vislumbrado no “*PISA de 2030*” (VE170109).

Além disso, o texto noticiado pelo Estado de São Paulo em 21/10/2020 sugere gestões privadas nas escolas públicas brasileiras, apresentando como argumento a “ausência do Estado em fornecer o direito básico à educação” (ES201021), atribuindo ao Estado responsabilidade pelo desempenho dos estudantes brasileiros no *PISA*.

Há, também, nos discursos apresentados pela mídia, a responsabilização em relação a aspectos sociais, culturais e históricos do Brasil.

Do ponto de vista das questões socioculturais, destaca-se o trecho da notícia do jornal Estado de São Paulo em 24/08/2019:

Ela [a educação] precisa urgentemente de resgate. Os indicadores relacionados ao tema representam um “pedido de socorro”. [...] Além da deterioração que há no Brasil em termos de sistemas e formatos educacionais, há um grave problema sociocultural. Quem nunca ouviu frases como “para que estudar se consigo me sustentar só com um trabalho?” ou “ficar estudando a vida inteira não me leva a nada”. Eu, infelizmente, já ouvi muitas vezes e, em todas elas, fiquei impressionado com a desmotivação estampada na face de quem pensa dessa forma. Mas de onde vem esse sentimento? (ES190824)

Na notícia supracitada, o autor parece atribuir à cultura da dicotomia trabalho-escola a responsabilidade pelo desempenho dos estudantes brasileiros na prova do *PISA*, indicando que, no Brasil, é comum as pessoas defenderem que os estudos não são necessários para garantir um trabalho e, conseqüentemente, um sustento. O artigo jornalístico aponta, de maneira implícita, uma visão coletiva de que a escola deveria servir apenas para a profissionalização dos sujeitos e, por não cumprir esse papel, não se faz necessária.

De maneira complementar a essa visão, as notícias que apontam a desigualdade como responsável pelo desempenho dos estudantes brasileiros na prova do *PISA* ressaltam a quantidade de estudantes pobres que não concluem seus estudos e o quanto isso influencia na diferença média entre estudantes ricos e estudantes pobres:

Por meio do PISA, é possível constatar que, na última década, a diferença de performance entre alunos vem se aprofundando, impulsionada diretamente pela grande desigualdade socioeconômica. Para se ter uma ideia, em 2018 a diferença de pontuação entre alunos ricos e de baixa renda nas provas de leitura ficou em 97 pontos, enquanto a média internacional é de 89 pontos. Para os especialistas nessa área, as condições socioeconômicas estão entre os fatores que mais influenciam o desempenho escolar. (CB191204)

Alguns textos apontam também as desigualdades de gênero, de raça e classe (OG210806), bem como desigualdades geradas por mudanças climáticas e mudanças tecnológicas (OG191209) como fatores determinantes para o desempenho dos estudantes brasileiros na prova do *PISA*.

Em relação a aspectos pedagógicos que foram responsabilizados pelo desempenho dos estudantes brasileiros na prova do *PISA*, alguns apontam a falta de um currículo nacional com diretrizes “claras e exequíveis” (FS190312).

Outras notícias apontam a falta de temas, como “planejamento financeiro” no currículo (VE200731) e do ensino de álgebra desde os primeiros anos do Ensino Fundamental (OG171218).

O material didático também foi responsabilizado por notícias, como a do Estado de São Paulo em 03/12/2019, na qual Weintraub afirma que é necessário trocar os livros didáticos das escolas, pois, para ele, “os antigos não funcionam. A prova está no *PISA* de 2018” (ES191203).

Além disso, alguns artigos jornalísticos apontam aspectos do sistema de ensino que levam a justificar as notas dos estudantes brasileiros nas provas do *PISA*. O jornal Folha de São Paulo noticiou em 02/06/2021:

Muito do que vivenciamos é herança de um modelo educacional marcado por uma educação do início do século 20, com um desenho que não corresponde às necessidades e interesses deste século. Não conseguiremos ter bons resultados na educação se temos uma educação que não prioriza a interpretação, a reflexão e a valorização docente, diante de um mundo totalmente digital em que crianças e jovens têm acesso a inúmeras informações e as escolas ainda estão inseridas em um contexto análogo, com a predominância do modelo monodimensional agravado pela pandemia. (FS210602)

Na notícia FS210602, observam-se quatro pontos comuns a outros artigos jornalísticos analisados: uma defasagem no sistema de ensino brasileiro, a desvalorização do trabalho docente, a pandemia do Covid-19 e o ‘mundo digital’.

Em relação à defasagem do sistema de ensino brasileiro, o artigo supracitado sugere que o Brasil pense um modelo de educação voltado às necessidades atuais. Os textos que estão agrupados juntamente com FS210602 e que caminham na mesma direção, apontam: a falta do *homeschooling* no sistema educacional brasileiro e sugere que o mesmo auxiliaria no aumento da nota do *PISA* (CB210706), a falta de semelhança entre as escolas públicas e privadas, visto que as privadas têm notas maiores no *PISA* (CB210310), a falta de um sistema de ensino “mais atrativo” (ES210527) e a falta de projetos na escola (OG181211).

Em relação ao trabalho docente no Brasil, jornais noticiam que a desvalorização, bem como a precariedade de suas condições de trabalho são motivos pelos quais o país tenha um baixo desempenho na prova do *PISA*. O jornal Estado de São Paulo em 11/04/2019 noticiou que “são poucas as famílias brasileiras que não se sentem angustiadas quando os filhos manifestam a intenção de se tornar professores” (ES190411). Já o jornal Valor Econômico compara o Brasil com Cingapura em uma notícia do dia 10/10/2019, afirmando que a valorização do professor cingapurense faz com que o país esteja sempre entre os primeiros classificados. Afirma-se que “lá os professores passam mais tempo estudando na academia do que dando aulas” (VE191010), o que é diferente do Brasil, em que o professor tem mais tempo em sala de aula e pouco (ou nenhum) tempo para continuar estudando.

Em relação à formação desses professores, Kátia Cristina Stocco Smole, secretária de Educação Básica do Ministério da Educação do Brasil em 2018, afirmou ao jornal Zero Hora em 04/07/2017 que, sobre o baixo desempenho dos estudantes brasileiros na prova de matemática do *PISA*,

Esse desafio [de melhorar a qualidade do ensino de matemática], exige melhor formação dos professores, que atualmente saem das faculdades sem o conhecimento e as ferramentas básicas para ensinar adequadamente e, para piorar, encontram uma rede de educação deficiente e pouquíssimo incentivo ao aperfeiçoamento. (ZH170704)

Sobre a pandemia do Covid-19, sabe-se que o contexto fez com que a prova de 2021 fosse adiada para 2022, sendo que a última aferição havia sido feita em 2018. No grupo de artigos que citam a pandemia como motivo para o baixo desempenho dos estudantes brasileiros na prova do *PISA*, constam dois artigos de 2020 e oito artigos de 2021. Ainda que em 2018 não houvesse pandemia de Covid-19 no mundo, os textos tratam de um possível mau desempenho futuro. Em geral, os textos desse

grupo responsabilizam o fechamento das escolas, como no artigo do jornal Folha de São Paulo em 14/07/2021 que, além de apontar tal defasagem, ainda compara o Brasil com outros países com desempenho maior nas provas do *PISA*, colocando o país em uma condição de inferioridade em relação aos outros dois:

[...] o ensino remoto tem limitações. Na Holanda e na Bélgica, por exemplo, países com alto desempenho no *PISA* [...], há pesquisas mostrando que, quando as escolas foram fechadas no ano passado, por dois meses, as crianças do ensino primário não aprenderam nada. Se não aprenderam nada lá, imagine no Brasil. (FS210714)

Já em relação ao ‘mundo digital’, a Folha de São Paulo noticiou em 20/05/2021:

Em suma, os jovens brasileiros não conseguem diferenciar fatos de opiniões porque essa é, hoje, uma dificuldade de todos nós. Ninguém foi preparado para o que estamos vivenciando. Não fomos ensinados a lidar com o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) chamou de infodemia para classificar a avalanche de informações de todos os tipos sobre a pandemia – e também sobre qualquer outro tema. Apenas ler o que chega às nossas mãos e telas não é mais suficiente. É preciso fazer uma leitura lateral das informações e interpretar intenção, autoria e contexto de cada mensagem, sem esquecer de dominar as ferramentas e as linguagens que nos permitem ter voz nesse ambiente. (FS210520)

Dois outros grupos que se apresentaram no agrupamento foram relativos à própria avaliação. Um deles trata da cultura avaliativa no Brasil, que prioriza as notas, ao invés das aprendizagens e que trata dos momentos avaliativos de forma punitiva. De acordo com uma publicação feita pelo jornal Estado de São Paulo em 19/04/2017,

[...] a cultura avaliativa das escolas brasileiras contribui para que os estudantes se sintam pressionados e, portanto, ansiosos durante as provas e momentos de estudo. “A cultura das escolas brasileiras (privadas ou públicas) se volta predominantemente para duas finalidades: a classificação dos alunos em relação ao restante da turma e sua aprovação (ou reprovação). Aprende-se e ensina-se para a prova e para passar de ano”, disse Antônio Gomes Batista [...]. (ES170419)

O outro grupo refere-se ao formato das provas do *PISA*. Em 03/12/2019, o jornal Zero Hora entrevistou Rafael Dias da Silva, que apontou dois problemas em relação

aos dados da prova do *PISA*: o fato da China ser avaliada por regiões, e o Brasil não, e a comparação entre países. De acordo com ele,

Não podemos nos comparar com a Finlândia, com a China. Pesquisas realizadas de forma amostral não levam em consideração os contextos distintos. E a América Latina é sempre um cenário controverso, porque não temos uma condição de políticas de longa duração [...]. (ZH191203)

O mesmo jornal entrevistou Elisabete Burigo em 04/07/2017 e a doutora afirmou que as questões da prova se “distanciam da realidade dos alunos” (ZH170704).

Por fim, há textos que responsabilizam a qualidade da educação, sem defini-la. Alguns chamam-na de “educação de má qualidade” (CB171217), “baixa qualidade média das aulas” (CB171217), “falta de qualidade na Educação” (ES170707) e sinalizando que, além do *PISA*, o Brasil não tem atingido as metas do próprio Ministério da Educação.

Considerações finais

O objetivo deste artigo é investigar quem/quais são os responsáveis pelo desempenho dos estudantes brasileiros nas provas do *PISA* de acordo com a mídia brasileira. Foi possível identificar nos textos diversos possíveis responsáveis, que foram agrupados em 18 grupos. Ao analisá-los, observa-se que, ainda que alguns artigos jornalísticos apresentem propostas de solução, poucos indícios são encontrados (nas notícias investigadas) de investimentos e políticas públicas que visem possibilitar uma mudança no desempenho dos estudantes brasileiros no *PISA*. Alguns textos noticiam falas de políticos e ministros brasileiros apontando o ‘fracasso’ dos estudantes brasileiros no *PISA*, sem propostas coerentes com o que ‘diagnosticam’.

Em linhas gerais, alguns textos parecem apontar aspectos (não necessariamente únicos) que são responsáveis pelo desempenho dos estudantes no *PISA*, como a desigualdade e a formação de professores, enquanto outros apontam responsáveis pontuais, como políticos, gestões governamentais e até mesmo educadores, como Paulo Freire. Nesse sentido, a reunião de todos esses textos sugere que não há um consenso em relação ao discurso jornalístico no que diz respeito ao ‘diagnóstico do fracasso brasileiro’. O que parece ser consenso é que esse fracasso é praticamente inevitável.

Além disso, muito se fala nos textos jornalísticos sobre uma ‘qualidade’ almejada para o Brasil, mas pouco se discute de qual qualidade se está falando. As notícias apontam para a meta de atingir uma alta nota nas provas do *PISA* (ou de um aumento em relação às edições anteriores), como se essa fosse a qualidade desejada ao país. Também se observa que algumas notícias consideram a educação de países com alto

rendimento nas provas do *PISA* como uma educação desejável ou um modelo a ser alcançado pelo Brasil.

É importante frisar que a busca por um melhor rendimento não diz respeito diretamente à busca por uma qualidade da educação. Essa é uma velha discussão que precisa sempre ser resgatada, pois, embora os indicadores do *PISA* e de outras avaliações externas sejam importantes para a tomada de decisões educacionais, eles não se referem diretamente à qualidade da educação daquele país.

Entende-se que a pesquisa feita neste artigo se limitou à mídia jornalística de oito jornais brasileiros e que os recortes apresentados não necessariamente refletem as opiniões dos jornais investigados. Outras pesquisas podem ser feitas levando em consideração diferentes veículos de informação brasileiros e de outros países para investigar se os resultados corroboram com as discussões feitas neste artigo.

Notas

- ¹ Neste texto, o verbete ‘fracasso’ será utilizado entre aspas, por se tratar de um termo subjetivo e para mostrar que o autor deste artigo não considera que o desempenho dos estudantes brasileiros na prova do PISA seja um ‘fracasso’, embora a mídia brasileira pareça apontar dessa forma.
- ² No Brasil, o PISA é denominado O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes.
- ³ Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/publications/PISA2018_CN_BRA.pdf>. Acesso em 19 jan. 2022.
- ⁴ Disponível em <<https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Berlim/pt-br/file/Principais%20ve%C3%ADculos%20da%20m%C3%ADdia%20brasileira.pdf>>. Acesso em 27 dez. 2021.
- ⁵ A Gazeta do Povo fez um levantamento com os partidos políticos brasileiros, questionado como se auto afirmam. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/apenas-um-partido-se-define-como-de-direita-no-brasil-esquerda-tem-sete/>>. Acesso em 30 mar. 2022.
- ⁶ “A TV Escola é um canal de televisão do Ministério da Educação [brasileiro] que capacita, aperfeiçoa e atualiza educadores da rede pública desde 1996. Sua programação exhibe, nas 24 horas diárias, séries de animação e documentários nacionais e estrangeiros, além de produções próprias”. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/tv-escola>>. Acesso em 30 mar. 2022.

Referências bibliográficas

- Afonso, A. J. (2007). Estado, políticas educacionais e obsessão avaliativa. *Contrapontos*, 7, 11-22.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barlow, M. (2006). *Avaliação escolar: mitos e realidades*. Artmed.
- Díaz Barriga, A. (1999) Uma polêmica em relação ao exame. In M. T. Esteban (Org.). *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. (pp. 43-65). DP&A.
- Esteban, M. T. (1999). Avaliação: face escolar da exclusão social?. *Proposta*, 83, 66-71.
- Esteban, M. T. (2009). Avaliação e fracasso escolar: questões para o debate sobre a democratização da escola. *Revista Lusófona de Educação*, 13, 123-134.

Fernandes, D. (2019) Avaliações externas e aprendizagens dos alunos: uma reflexão crítica. *Linhas Críticas*, 25, 644-660.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.

Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo*. Porto Editora Ltda.

Gabriel dos Santos e Silva

Instituto Federal do Paraná

Email: gabriel.santos22@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7527-7763>

Correspondência

Gabriel dos Santos e Silva

Rua Pedro Faria, 155 □ Gleba Palhano

86055-250 Londrina, PR, Brasil

Data de submissão: Janeiro 2022

Data de avaliação: Março 2022

Data de publicação: Setembro 2022